

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## Sobrevivendo à era da incerteza

Tribalismo político pelo mundo tem deixado feridas

**Robert Muggah**

Diretor de pesquisa do Instituto Igarapé, especializado em segurança pública

Vivemos um período de turbulências, desilusões e perplexidade. O agravamento de tensões geopolíticas transformou as relações internacionais. Em cada país, o tribalismo político deixa profundas feridas. A proliferação de tecnologias subverte premissas já consolidadas sobre segurança, política e economia.

O ritmo das transformações torna qualquer planejamento quase impossível. Os impactos no mercado financeiro são sem precedentes. Com a maior interdependência das cadeias de produção globais, obstáculos locais podem ter ramificações em escala planetária. No mundo conectado, as soluções para os problemas transnacionais parecem cada vez mais distantes.

Três décadas fazem muita diferença. Em 1989, o progresso da humanidade parecia inexorável. A internet prenunciava uma nova era de avanços. A nova comunidade digital deixaria o mundo menor: construiria redes de solidariedade, ampliaria a liberdade de expressão e fomentaria movimentos políticos e sociais. Com a queda do Muro de Berlim e o colapso do império soviético, princípios e valores da democracia liberal seriam amplamente difundidos,

acelerando o fim da história.

Hoje o potencial libertador da internet e da democracia soa um tanto ingênuo. Utopias à parte, o que se seguiu foi um mundo tomado por graves adversidades — poucas delas com impactos mais contundentes do que o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 e a subsequente guerra ao terror; a intervenção no Iraque, liderada pelos EUA; e a crise financeira de 2008, o maior colapso econômico da história, que se espalhou mais rapidamente do que a Grande Depressão, pondo fim à ilusão de que a instabilidade financeira era algo do passado.

Uma onda virulenta de sectarismos provocou o advento do brexit e de Trump. Em forte contraste com o espírito otimista dos anos 1990, hoje é difícil saber o que vai acontecer. A ansiedade deu lugar à prepotência. E o ritmo das mudanças tecnológicas torna virtualmente impossível prever quais tipos de ameaça o futuro próximo nos reserva.

A implacável propagação de novas tecnologias — da inteligência artificial à biotecnologia — é, a um só tempo, fascinante e assustadora. Há o temor de que a automação provoque o desemprego em massa

e os algoritmos possam destruir a democracia.

Em 2019, enfrentaremos uma verdade incômoda. Por mais que existam motivos para ser otimista em relação ao futuro (principalmente se você é asiático), o grau de interdependência e a velocidade do momento histórico tornam mais difícil, e não mais fácil, contornar os problemas mundiais que virão pela frente, das mudanças climáticas ao risco de pandemias.

Para piorar, os partidos políticos estão em crise. Muitos continuam atrelados a um paradigma ultrapassado, que enxerga o mundo como esquerda versus direita ou capitalismo versus socialismo. Muitos políticos apelam para fantasias nostálgicas. Se os partidos não se reinventarem radicalmente, a democracia liberal corre o risco de se tornar obsoleta. Diante de tanta incerteza, muitas lideranças se sentirão tentadas a parar o relógio, oferecer soluções simplistas e recorrer ao passado.

O futuro sempre foi incerto. O pêndulo da história não é nem ético nem justo. Sempre existiram múltiplas narrativas, algumas mais sonoras que outras. Para avançar, precisamos acomodar uma pluralidade de visões e valores e encontrar maneiras de unir esforços para combater ameaças comuns. Para quem reclama que a tarefa é árdua, é melhor arregar as mangas: todos precisamos compreender mais e temer menos.

Nessa nova era de incertezas, precisamos saber nos orientar em meio a essa complexidade, o que significa ter uma visão de longo prazo. Isso exige aprimorar o nível de análise crítica, dominar o universo digital e reforçar a capacidade de resiliência. Em 2019, já não teremos mais o privilégio da complacência.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

### Lula

Lula imaginou que um julgamento seria igual a um comício, em que pode falar todas as bobagens que possa imaginar. Acabou o comício, basta provar que é inocente. Simples assim ("Lula é condenado a 12 anos e 11 meses de prisão no caso do sítio de Atibaia", Poder, 6/12).

**Cláudio Moura** (Ananindeua, PA)

Condenarão Lula quantas vezes for preciso para garantir a pauta conservadora e antipovo. A história mostrará que estamos diante da maior perseguição política do país.

**Roberto Lourival** (São Paulo, SP)

### Plano de Moro

Não gosto do ministro Sergio Moro, achei equivocada e dúbia sua ascensão ao cargo, mas o plano dele tem pontos positivos, que espero ver funcionar ("Veja os principais pontos do pacote anticrime", Poder, 4/2). Contudo, há que se ressaltar um ponto: precisamos urgentemente rever o sistema carcerário, que já não comporta a atual população e se transformou em universidade do crime. Vejam o último artigo de Drauzio Varella ("Cadeias e demagogia", Ilustrada, 3/2).

**Fabio Neves** (Belo Horizonte, MG)

Não se combatem a corrupção e a criminalidade apenas com leis. É preciso criar políticas sociais que acabem com nossas favelas e a miséria de seus moradores. E isso o novo governo não demonstra interesse algum em resolver.

**Nereu João Lagos** (Curitiba, PR)

Não se trata de "ler o projeto", mas de uma análise empírica sobre um tema que ultrapassa a esfera da segurança pública. Por vezes, aqueles que deveriam garantir a segurança conseguem apenas transmitir medo e incerteza. No menos, agressões físicas e verbais dão o tom da visita. No mais, forjam situações que justifiquem a morte de um inocente — há exceções, é claro, existem bons policiais. Caso levado a cabo, o projeto tende a fomentar tais abusos.

**Vanildo dos Santos** (São Paulo, SP)

### Ilhabela

A estação de tratamento de esgoto e a rede coletora da praia do Pinto (região norte de Ilhabela) foram construídas devido a uma parceria entre a associação de moradores, a Sabesp e a Prefeitura de Ilhabela, que investiu aproximadamente R\$ 500 mil na compra do terreno, abertura e calçamento da rua para acesso e eletrificação do equipamento ("Paradisiaca erica, Ilhabela, no litoral de São Paulo, enfrenta crise sanitária", Cotidiano, 6/2). Trata-se de uma das conquistas obtidas durante nosso mandato.

**Toninho Colucci**, ex-prefeito de Ilhabela (Ilhabela, SP)

### Futuro

Estive lendo o especial sobre os 95

### Brumadinho

Lendo as respostas escorregadas da Vale ("Respostas da Vale não explicam sirenes e plano de emergência", Cotidiano, 6/2), nas quais garante que a barragem de Brumadinho estava bem monitorada e com laudos atestando sua segurança etc., fica a impressão de que o rompimento não ocorreu e de que a lama é uma miragem (fúnebre). O texto é uma lição de bom jornalismo.

**Mauro Marcelo Alves** (São Paulo, SP)

Não respondeu a uma única pergunta. Se alguém quiser um exemplo de tergiversar, é só ler as respostas. Parece prova de aluno que não se preparou.

**Isabel Kinney Ferreira de Santos**

(Ribeirão Preto, SP)

Como engenheiro, folgo em saber que meus colegas profissionais tiveram sua liberdade restaurada ("STJ manda soltar técnicos e engenheiros da Vale", Cotidiano, 6/2). Não há nenhuma evidência de erro técnico até o momento e, a meu ver, estavam presos por estas razões: 1. para dar resposta às massas; 2. na retórica "lava-jatista", de prender para "quebrar" o cidadão, esperando que delate alguém. Que a conduta deles seja analisada por peritos judiciais, e que, se culpados, paguem por isso.

**Isaías Silva** (São Paulo, SP)

### Indenizações a anistiados

Sem problema nenhum, não há nada a esconder ("Lista", de Mônica Bergamo, Ilustrada, 6/2). A sociedade procura reparar, porque existem coisas irreparáveis, como as barbaridades cometidas contra quem lutava contra a triste ditadura. Está tudo dentro da lei. Nossa curta memória faz com que não percebamos que proteger torturadores e assassinos só prejudica a sociedade brasileira. Este atraso nos custará cada vez mais caro.

**Felício Antonio Siqueira Filho**

(São José do Rio Preto, SP)

Parabéns, ministra Damares Alves. O governo Bolsonaro pôs o Brasil no rumo certo.

**Ayrton Castor Dias** (Itajubá, MG)

### Transtornos no trabalho

Muito pertinente a temática dos distúrbios mentais relacionados ao trabalho trazida no editorial "Estresse laboral" (6/2). Sendo o trabalho cada vez mais intelectual e menos físico, há que se pensar em estratégias para fazer frente ao aumento das doenças mentais no trabalho. Caso contrário, estaremos cultivando grandes problemas.

**Jonas Luckemeyer Lima**,

engenheiro (Curitiba, PR)

### Charge

O leitor João H. Rieder (Painel do Leitor, 6/2) tem todo o direito de não ver graça na charge de Laerte (Opinião, 5/2). Daí a querer explicar



Carvall

## Sobre o uso curativo de drogas alucinógenas

Usuário vai, mas volta rápido a estado de desespero

mo se provam evidências eminentemente genéticas. Pelo contrário, ansiedades e depressões provaram-se associadas ao entorno social.

Se alguém ainda duvida, basta a observação do adocementado generalizado ocorrido na época das eleições,

Usuário vai, mas volta rápido a estado de desespero

## Danit Pondé

Psicanalista, doutora em filosofia da psicanálise pela Unicamp, professora do IBPW (Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana) e autora de "O Conceito de Medo em Winnicott"

No que se refere à ideia do uso de drogas alucinógenas em tratamentos de ansiedades e depressões, o tema das drogas alcança outra esfera da que sempre esteve: alucinar é uma tentativa de escape.

No uso ancestral, as drogas alucinógenas eram um meio para um fim. Um portal sagrado para outra dimensão, de outra forma inalcançável, em que deuses, Deus ou ancestrais traziam entendimento para a labuta diária, para os sofrimentos que reconhecemos inerentes ao viver, independentes de sua datação.

Esse uso permaneceu desde há muito reduzido às bizarrices dos xamãs. Dentro dessa esfera, foi, quando muito, aceito por condescendência antropológica pelo establishment científico. Contudo, permanece totalmente não aceito no que se refere ao uso indiscriminado e paliativo por figuras perdidas, doentes ou no caminho de sê-lo que vagam no cenário urbano.

Nesse ponto surge, em gradativas ondas do discurso científico, a gran-

de novidade. A partir de hoje, droga modifica comportamentos, provoca transformações em impasses ansio-gênicos e depressivos, muda pensamentos; enfim, cura. O melhor de tudo isso: nada tem a ver com religião e transcendência. Você não encontra com ninguém. Apenas vive momentos relaxados e a dissolução de seu ego e pronto: vida nova.

As soluções fáceis sempre me espantam. É eu em meu trabalho de formiguinha no consultório, sustentando ou tentando estabelecer uma relação com os pacientes de forma a prover aquilo que de alguma forma não tiveram: o cuidado proveniente de um ambiente suficientemente bom e saudável.

Segundo o psicanalista inglês Donald Winnicott (1896-1971), apenas desse modo relacional que se podem reverter quadros clínicos graves, uma vez que os vários tipos de vem sua origem doentia às falhas ambientais. Não existem fenômenos psíquicos arbitrários nem mes-

pois muitos foram os que entraram em pânico, tiveram sintomas de ansiedade ou ficaram deprimidos sob a atmosfera crescente de insegurança neste contexto de embate nacional.

Como se quer provar, o novo uso da droga provará tudo isso. Um mergulho sem ninguém, nem Deus nem humanos. Portanto, mais um produto em meio a tanta tecnologia de última geração, que persevera na ideia da autossuficiência. Outro desdobramento desmedido na linha da autoajuda, em que mais uma vez tendesse a cortar o mais essencial para a saúde humana: o relacionamento interpessoal.

Pergunto-me o quanto de fato essa nova tecnologia médica guarda seus limites e ambivalência; aliás, como toda e qualquer tecnologia vendida como portadora de inquestionável solução. Afinal, as viagens alucinógenas são tão intensas como fugazes. O usuário vai, mas volta rápido ao seu estado de desespero. Assim como ele, os demais consumidores de outras drogas. O que é perene em toda essa experiência é o mal-estar e o ambiente que o circunda.

Mais uma vez lidamos com o perigo do vício em soluções rápidas, vendidas como infalíveis, que prometem resolver o mal, mas restritos à sua mera superfície.

Anos da Folha, publicado em 2016. Que saudades. A Folha mudou muito. Faltando menos de três anos para o centenário, pergunto: do jeito que a história caminha, a Folha chegará aos cem anos?

Shigeyuki Yoshikuni (Lins, SP)

a uma das nossas maiores artistas o que é uma charge é demais. Além da definição que aponta, de satirizar algum acontecimento, lembro que uma charge tem o objetivo de fazer pensar, entender a realidade.

Marcelo Menna Barreto (São Paulo, SP)

## ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

**PODER** (3.FEV., PÁG. A12) Leonardo Quintão é filiado ao MDB-MG, não ao MDB-RJ, como foi dito no texto "As mineradoras precisam de uma Lava Jato".

**MERCADO** (2.FEV., PÁG. 2) O título do livro "Misbehaving" (2015) foi grafado incorretamente como "Misbehaving" no texto "Nobel diverte com história da economia comportamental". Além disso, a obra não é a primeira de Richard Thaler publicada no Brasil. "Nudge: O Empurrão para a Escolha Certa" (2008), em coautoria com Cass R. Sunstein, também foi editado no país.

**MERCADO** (2.FEV., PÁG. 2) O preço correto do livro "Prosperity", de Colin Mayer, citado na coluna Ci-

fras & Letras, é R\$ 64, considerando uma compra na versão e-book na Amazon.

**COTIDIANO** (1º.FEV., PÁG. B1) Diferentemente do publicado na reportagem "Vale previu inundação de refeitório e sede de barragem e desprezou o risco", Mauricio Lemes, que trabalhava na mina do Corrego do Feijão, não morreu no rompimento da barragem em Brumadinho, Minas Gerais. Quem morreu foi o motorista Mauricio Lemos.

**ESPORTE** (20.JAN., PÁG. B9) Diferentemente do mencionado no texto "O que poderia ter sido", Arrascaeta não foi o único jogador do futebol brasileiro a atuar na Copa do Mundo de 2018, na Rússia.